

---

## **As velhas criadas n' *O último cais*, de Helena Marques**

*The old servants in O último cais,  
by Helena Marques*

Silvia Slaničková

Universidade Comenius

### **DOI**

<https://doi.org/10.37508/rcl.2021.n45a429>

### **RESUMO**

O artigo pretende analisar as relações que as principais figuras femininas do romance *O último cais*, de Helena Marques, mantêm com os seus subordinados, nomeadamente com as velhas criadas que, durante várias décadas, prestam serviço nas casas das famílias da alta burguesia funchalense. O objetivo do artigo é a abordagem da posição das criadas no meio familiar, as razões da proximidade com as patroas e as consequências advindas dessa relação. Ao mesmo tempo, analisa o contraste entre a vida citadina e o ambiente de origem das criadas, bem como a influência que estas acabam por exercer na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Helena Marques; narrativa portuguesa contemporânea; Ilha da Madeira; criadagem; família.

### **ABSTRACT**

The article intends to analyze the relationships the main female figures in the novel *O último cais*, by Helena Marques, maintain with their subordinates, namely with the old servants who, for several decades, have provided services in the households of Funchal's upper bourgeois families. The objective of the article is to describe the position of the servants

within the families, the reasons for their proximity to the ladies who had employed them and the consequences arising from that relationship. At the same time, it analyzes the contrast between the city environment and the maids' roots, as well as the influence they end up having on society.

**KEYWORDS:** Helena Marques; contemporary Portuguese fiction; Madeira Island; servants; family.

*O último cais*, publicado em 1992, é o primeiro romance de Helena Marques (1935 – 2020), uma escritora portuguesa de origem madeirense que escolheu a ilha da Madeira como palco desta e de obras posteriores. A história desenrola-se principalmente na capital da ilha, a cidade do Funchal, entre a segunda metade do século XIX e os primeiros anos do século XX, e os protagonistas são membros da alta burguesia funchalense. A autora dedica especial atenção à abordagem do universo feminino, nomeadamente às mulheres da família Villa e também a outras mulheres burguesas que representam diversas identidades femininas e “todas juntas formam um quadro representativo da mulher do século XIX, em Portugal, mas com marcas universais”. (RECTOR, 2009, p. 173). No entanto, além do mundo das personagens principais, existe no romance um outro cenário em segundo plano: o das velhas criadas que acompanham as protagonistas, desempenham papéis de confidentes e conselheiras e “formam um segundo círculo social, uma segunda tertúlia”. (MARQUES, 2009, p. 71).

Tal como as personagens principais, as criadas retratadas por Helena Marques são exclusivamente mulheres, o que se deve ao facto de a autora se interessar sobretudo pela esfera feminina, pelo lugar que as mulheres ocupam na sociedade e pelas experiências por que passam. Aliás – e esse é um fator relevante nesta atividade laboral –, “desde os meados do século XVIII até o final do século XIX, o trabalho doméstico tornou-se crescentemente feminizado”. (HILL, 1995, p. 25).

As famílias com que nos deparamos no romance empregam numerosas criadas e cozinheiras e desse grupo anónimo sobressaem as velhas criadas, às quais a escritora atribuiu nomes – Felismina, Ludovina, Rosa, Madalena, Celeste, Filomena. São mulheres que desde há muitos anos (frequentemente desde a juventude) servem as famílias retratadas, o que lhes permitiu irrem criando laços cada vez mais estreitos com as suas patroas e até com os membros da família em geral, quase como se a ela também pertencessem.

As empregadas domésticas (à época chamadas de “criadas de servir”) nas cidades portuguesas, tal como era comum em outros países, costumavam provir do campo, começavam a trabalhar muito jovens e eram, como Meersschaert afirma, “na sua quase totalidade, originárias de famílias de poucos recursos económicos; famílias muitas vezes numerosas que subsistem do trabalho assalariado no campo”. (MEERSSCHAERT, 1986, p. 634) As criadas d’*O último cais* não são uma exceção a esta regra e, quanto à sua origem, a própria autora afirma o seguinte:

Tinham vindo do campo – e dizia-se do campo quer se tratasse de uma aldeia piscatória ou de um lugar perdido nas montanhas – quando contavam doze ou treze anos com o objectivo de cuidar das crianças que começavam a andar e requeriam uma vigilância atenta e paciente. (MARQUES, 2009, p. 69)

A vida no campo madeirense era bastante dura na época e as mulheres eram encarregadas de trabalhos árduos, podendo caber-lhes, entre outras, a exigente tarefa de transportar lenha; consequentemente, a mudança para a cidade, mesmo que significasse abandonar o lar pela primeira vez e, além disso, em idade muito jovem, podia conduzir a “melhores oportunidades de vida e, em alguns casos, escolarização”. (BRITES; PICANÇO, 2014, p. 139). Caso conseguissem trabalho no seio de uma família que as tratasse com dignidade, adaptavam-se às novas circunstâncias e não exprimiam

vontade de voltar para o campo, como pode ser visto neste trecho do romance:

E quando, porventura, voltavam ao campo para o funeral dum avô ou para a cabeceira da mãe doente, cedo se saciava a saudade da família, dos vizinhos e do lugar e logo lhes apetecia o regresso à cidade, ao quartinho do sótão, à tagarelice das companheiras, à autoridade sobre os trabalhos domésticos, aos desabaços das senhoras, aos bilhetinhos das meninas e dos seus namoros. (MARQUES, 2009, p. 70)

Na sua maioria, as criadas prestavam o serviço doméstico enquanto solteiras, moravam na casa dos patrões e, paralelamente ao que Bridget Hill observou na Grã-Bretanha e na Europa em geral, o casamento frequentemente impedia a continuação no cargo de empregada doméstica, especialmente se tinha autoridade sobre outros criados:

Algumas das velhas criadas casavam, trocavam o lugar de mando e confiança pela oportunidade de terem a sua própria casa quando ainda dispunham de tempo para gerar meia dúzia de filhos. Recebiam a bênção e as prendas dos senhores, transformavam-se em costureiras ou mulheres-a-dias, continuavam a frequentar as casas e a partilhar da vida das famílias. (MARQUES, 2009, p. 70)

As velhas criadas do romance de Helena Marques pertencem principalmente ao grupo das solteironas e são “mais antigas nas casas do que velhas em anos”. (MARQUES, 2009, p. 69) Começaram a trabalhar para a família na adolescência, ou ainda mais cedo, e iam acompanhando o crescimento das crianças: “havia participado das alegrias, dos lutos e das viagens da família, acompanhando os meninos ao colégio”. (MARQUES, 2009, p. 69) Essa proximidade gerava relações íntimas, já que, por exemplo, as que eram ainda adolescentes facilmente estabeleciam laços afetivos com as crianças que

estavam ao seu cuidado, o que contribuía para a sua satisfação no trabalho e, conseqüentemente, permitia a sua permanência ao serviço. Na narrativa é possível observar que entre Felismina e Raquel se desenvolveu precisamente este tipo de relação: Raquel “será sempre menina” para a velha criada (MARQUES, 2009, p. 32), o mesmo acontecendo entre Rosa e Catarina Isabel, que reflete sobre a forma como a primeira a trata: “Aquele *senhora doutora* na boca de Rosa, da Rosa que a trouxe ao colo e lhe mudou as fraldas, nunca cessa de diverti-la.” (MARQUES, 2009, p. 116). Não é incomum que as criadas passem da casa dos pais ou avós da família para as casas dos filhos, como é o caso de Ludovina, que, após o casamento de Raquel com Marcos, saiu da casa dos avós Villa para ir para a casa de Raquel e, após a morte desta e o casamento de Benedita com Afonso, para a casa onde estes foram viver.

Na obra as casas são efetivamente um palco muito significativo da ação e a própria autora considera-as uma referência essencial, “pois nelas são narrados momentos importantes dos episódios de vida das suas entidades ficcionais”. (MARQUES, 2002, p. 11). Como já referimos, no século XIX era comum as criadas serem residentes nas casas dos patrões e, na sociedade mais alta, pode observar-se “uma concepção alargada de família, abrangendo-se nessa designação todos os que vivem sob o mesmo tecto, incluindo-se, até certo ponto, também os criados”. (VAQUINHAS, 2011a, p. 133). Vaquinhas aponta vários casos de amizade e de intimidade entre os donos da casa e a criadagem e, de certo modo, os criados, ou seja, as velhas criadas como n’*O último cais*, são consideradas parte da família. Evidentemente, não se pode falar de amizade no sentido, por exemplo, da cumplicidade que se forma entre amigas de escola, dado que se terá de levar em consideração o facto de sempre existir uma desigualdade de posição social entre as pessoas envolvidas; porém, a relação entre as velhas criadas do romance e as suas patroas é indubitavelmente de grande confiança, respeito e proximidade. Felis-

mina, a criada de Constança, dá as boas-vindas a Raquel dizendo: “Ah, menina, bons olhos a vejam. (...) Está cada vez mais bonita, benza-a Deus, menina.” (MARQUES, 2009, p. 32), e Raquel confia nela e pede a sua ajuda para convencer a tia Constança a participar na festa de Natal. Como foi dito, é óbvio que existe sempre uma distinção social e que, como tal, as criadas mantêm um certo grau de distanciamento, proveniente da sua posição e dos costumes da época. Rosa, apesar de ter mudado as fraldas de Catarina Isabel em criança, trata-a por *senhora doutora* e Felismina afaga as mãos de Raquel “com a mesma doçura submissa com que os cães a lambe-ram momentos antes”. (MARQUES, 2009, p. 48)

A autora, contudo, salienta a atitude de empatia das suas protagonistas, que tratam os subalternos com dignidade, e mostra que tal procedimento é ensinado na família, o que se pode observar quando Raquel agradece aos criados:

Em ocasiões de festa, como aquela, Raquel agradece o esforço dos criados, o trabalho suplementar, o esmero do serviço. Mal conheceu os pais, mal se recorda da avó, foi o avô André quem a educou assim, levava-a com ele à cozinha nos dias de festa, ‘a-gradença, menina, sem o esforço deles nada se teria feito’. (MARQUES, 2009, p. 58)

Num dos famosos manuais da época sobre o modo de vida em sociedade, a autora Maria Amália Vaz de Carvalho aborda, entre outros, o tema do tratamento dos (e para com os) socialmente inferiores e elogia os servidores que seguem velhas tradições e ficam toda a vida na mesma casa, defendendo a honra da família que servem. Nesse manual, escrito na ótica oitocentista, Carvalho condena o rotativismo dos criados e queixa-se da sua decadência moral. Todavia, como solução para o problema, sugere que sejam tratados com caridade e bondade, a fim de se tornarem fiéis e respeitosos:

Se em vez de se sentirem desprezados e tolerados como trastes necessários ou animais domésticos indispensáveis, eles sentirem que na doença, na adversidade, no trato quotidiano, eles são considerados como pessoas humanas e como tais socorridos, consolados e respeitados – sim, respeitados, porque todo o ser humano tem direito ao respeito de outro ser – tenham a certeza de que em breve essa influência moral se há de fazer sentir de um modo benéfico no organismo interno no *ménage*. (CARVALHO, 2007, p. 156)

Como já observámos, no romance as velhas criadas são tratadas com respeito e estima e têm laços bastante íntimos com as famílias. As patroas confiam nelas e frequentemente são as criadas que, pela grande proximidade com que privam com as senhoras da casa, adivinham ou conhecem mesmo os seus segredos.

Ademais, várias das servidoras descritas no romance apresentam um determinado grau de poder e influência também na sociedade local, o que se pode notar nas situações em que certos atos de algumas das protagonistas não cabem nos padrões de comportamento vigentes na altura. As filhas mais velhas de Maria Alexandrina – Maria e Marta Vaz –, tendo visto a sua mãe dar à luz dezasseis filhos, decidem nunca se casar e preferem viver sozinhas numa casa própria. A sociedade, porém, considera tal “mudança” demasiado audaciosa, quase uma mancha na reputação das meninas, e nessa situação Madalena, a velha criada da casa, pede licença para ir viver com elas, o que evidentemente acalma a opinião pública, como nos é descrito nas seguintes linhas:

A opção de Madalena pesou visivelmente na pacificação dos ânimos. Ofendida, a princípio, pelo que considerava uma ostensiva deserção, Maria Alexandrina acabou por encontrar, na decisão da velha criada, um processo hábil a satisfazer a opinião pública, agindo como se tivesse partido de si própria a iniciativa de colocar uma guardiã de total confiança e irrepreensível reputação junto de suas filhas. A presença de Madalena na casa pequena do

Torreão assumiu, assim, o valor óbvio de um *nihil obstat*, de um incontroverso *imprimatur* ao novo e audacioso capítulo da vida de Marta e Maria Vaz. (MARQUES, 2009, p. 69)

Numa comunidade sempre existe, naturalmente, uma tendência para comentar a vida de quem fuja às regras estabelecidas e uma propensão para espalhar boatos, mas é precisamente nessas situações que se manifesta a lealdade de Madalena e novamente a sua influência na criação de uma imagem positiva das duas meninas. Perante uma calúnia que é feita, Madalena apresenta as qualidades das meninas e defende-as:

Madalena, leal, casmurra e hábil, desvia o assunto falando justamente das meninas, do que fazem, das aulas, das inúmeras discípulas que têm ensinado ao longo dos anos. [...] Madalena respira, aliviada, o perigo passou, caberá a outra defender a próxima vítima. (MARQUES, 2009, p. 72)

Uma situação paralela acontece quando uma personagem, Catarina Isabel, decide matricular-se na Escola Médica, com o objetivo de vir a exercer medicina. A Escola Médico-Cirúrgica foi estabelecida na ilha da Madeira em 1837, funcionou durante 73 anos e formou cerca de 250 médicos. Como está referido n' *O Elucidário Madeirense*, “[em] 1902 concluíram o curso desta Escola D. Palmira Conceição de Sousa e D. Henriqueta Gabriela de Sousa, as primeiras e únicas médicas que ali se formaram”. (SILVA; MENESES, 1921, p. 773) Por conseguinte, pode afirmar-se que, na época em que se situa a obra, uma mulher estudar Medicina era um feito deveras extraordinário. Assim, Catarina Isabel representa uma mulher de coragem, que, no mundo fictício da narrativa, é pioneira da medicina madeirense.

Tal ousadia por parte da personagem provocou, naturalmente, bisbilhotice na cidade, sendo que as criadas “comentavam entre si, em voz baixa, o espanto de uma menina solteira, bem-educada e de boas

famílias, pensar em estudar coisas tão impróprias, tão feias, ver todas as partes do corpo, gente nua, até”. (MARQUES, 2009, p. 122). No entanto, a presença nas aulas de uma velha criada, neste caso Rosa, apazigua a opinião pública, pelo que os pais podem deixar a filha enveredar por esse curso, visto que a sua reputação permanecerá imaculada. Podemos observar no texto: “Em Setembro começaram as aulas e todas as manhãs Catarina saía para a Escola Médica, Rosa seguia ao seu lado, o pai fora intransigente nessa medida, Rosa sentava-se ao fundo da sala de aulas defendendo a reputação da sua menina [...]” (MARQUES, 2009, p. 124). Pode, de certa maneira, concluir-se que as velhas criadas desempenham os papéis que cabiam, em tempos ainda mais recuados, às damas de companhia.

Além disso, a autoridade na casa, o respeito dos patrões e a participação na vida da alta burguesia significam, até certo ponto, uma ascensão social para várias criadas vindas do campo, onde uma melhoria da posição social se afigurava quase impossível. Nas zonas rurais da Madeira havia, durante muito tempo, uma taxa elevada de analfabetismo. Segundo um estudo de Isabel Tiago de Oliveira, na ilha essa taxa atingia os 90% em 1900, tanto na população masculina como na feminina. (OLIVEIRA, 1999, p. 36) Várias razões contribuíam para tal situação, como, por exemplo, a carência de uma verdadeira rede de escolas. Embora o problema viesse a diminuir, um fator significativo para a manutenção dessa elevada taxa de analfabetismo era a desvalorização do ensino no ambiente rural, o que afirma também Meersschaert: “Logo na vivência do tempo de criança se assinala a prioridade dada ao trabalho em prejuízo do estudo...”. (MEERSSCHAERT, 1986, p. 634). Portanto, a maioria das criadas era analfabeta, mas, depois de terem entrado para o serviço doméstico, “tinham crescido ao lado dos meninos da casa, partilhando das suas brincadeiras, aprendido regras de educação e de convívio”. (MARQUES, 2009, p. 69). Havia também casos em que, precisamente por conviverem com as crianças da casa, acabavam, graças a elas, por

aprender a ler e a escrever, o que não pode, contudo, ser visto como uma regra. Helena Marques retrata essa prática através de Rosa, que “aprendera a ler já adulta, logo que Catarina Isabel por volta dos sete anos, se sentira capaz de ensiná-la”. (MARQUES, 2009, p. 124)

Todavia, no romance as criadas representam um contraste com o mundo culto e privilegiado da alta burguesia e a própria autora descreve o ambiente em que se moviam como um “mundo ignorante, preconceituoso e mítico”. (MARQUES, 2009, p. 70). É importante notar que eram principalmente as crianças que tinham maior contacto com o grupo das servidoras, pois, sendo excluídas das refeições junto dos adultos, “expandiam-se nas cozinhas ouvindo as longas narrativas dos criados onde se misturavam intrigas de mancebias e adultérios com genuínas tradições da ilha e histórias tenebrosas de lobisomens, bruxas e sessões espíritas com mesas de pé-de-galo”. (MARQUES, 2009, p. 71). As superstições, os fantasmas e outras velhas crenças contrastam nitidamente com a erudição e o raciocínio das famílias citadinas e é através das velhas criadas que a autora nos revela a atmosfera mais popular da Madeira. Essa diferença entre os dois mundos culmina na cena do velório de Constança. As criadas, reunidas na cozinha, partilham histórias dos mortos e aparições e já é possível observar como a educação, mesmo que obtida apenas parcialmente durante os estudos de Catarina Isabel, muda a visão do mundo no caso de Rosa:

Madalena lembrou que, na noite do enterro do suicida, há um ror de anos, fora vista uma luz errando pelo cemitério. Seria alguém a fumar junto ao portão, acudiu, céptica, a Rosa, que na Escola Médica quando acompanhava às aulas a Dra. Catarina Isabel, ouvira os sarcasmos dos estudantes, nas aulas de anatomia, à procura do lugar das almas. Mas Ludovina protestou energicamente: qual cigarro, qual carapuça, tratara-se de várias luzes, contara-lhe o marido da comadre Evangelina, espalhadas por todo o cemitério como se os mortos protestassem contra a presença do renegado. (MARQUES, 2009, 144-145)

Na cena do velório, sobressai uma criada cuja posição difere ligeiramente da das suas congéneres – Peregrina, a ama de Clara. Peregrina não tem origem madeirense: viajou da Guiana com Marcos, após Raquel ter morrido dando à luz Clara, e foi contratada como ama do bebé. Tendo perdido o seu próprio filho durante o parto apenas alguns dias antes da morte de Raquel, Peregrina desenvolve laços extremamente próximos com a criança, sabendo “desde logo, sem sombra de dúvida, que nunca se abandonariam uma à outra até ao fim da vida”. (MARQUES, 2009, p. 146) Clara representa para Peregrina um novo sentido de vida e, conseqüentemente, mostra-se muito fiel, leal e dedicada à família, estando pronta a defender a menina do que quer que seja. E, reciprocamente, Clara procura o conforto nos braços da sua ama, o que fica bem patente durante a deslocação da família a um hotel, depois de uma doença surgida durante o velório. É interessante notar como essa mudança dá prestígio e importância a Peregrina aos olhos das outras serviçais: “Peregrina saboreava ainda o sucesso obtido junto das outras criadas, nenhuma estivera alguma vez num hotel.” (MARQUES, 2009, 149)

As relações até agora mencionadas representam uma visão predominantemente positiva da condição das empregadas domésticas na época. Contudo, as jovens criadas que chegavam à casa dos patrões eram frequentemente sujeitas a abuso sexual por parte destes ou dos seus filhos. Analisando os registos médicos da época, Irene Vaquinhas escreve:

Em outros meios, as tentações sexuais estendiam-se também ao pessoal doméstico (criadas, serventes, costureiras, lavadeiras), inspirando os regulamentos católicos, de base moralizadora, dirigidos às criadas de servir. Os manuais contemplam artigos específicos sobre «Como proceder com os filhos da casa», sugerindo-se como actuar em caso de «solicitação para o mal», de forma a «repelir com firmeza o sedutor». (...) Os testemunhos recolhidos por médicos ou os processos judiciais evocam com frequência o

assédio sexual de patrões (ou dos respectivos filhos) sobre as criadas ou operárias, sobretudo quando essas relações clandestinas terminam nos hospitais... (VAQUINHAS, 2011b, p. 330-331)

Helena Marques não evita completamente esse aspeto negativo, mesmo que não o aborde em primeiro plano. Logo na descrição geral do perfil sociológico das criadas menciona “as velhas criadas que, voluntárias ou violentadas, tinham passado pelos braços dos patrões, dos seus filhos adolescentes ou dos pais velhos e cúpidos. Delas se falava a meia voz, numa confidência embaraçada e penosa...”. (MARQUES, 2009, p. 70). A autora fornece um exemplo concreto através da personagem Luciana, que, logo após ter chegado à casa do marido no município da Calheta, se apercebe do facto de que todas as criadas tinham sido, ou ainda eram, amantes dele. Pode-se apenas conjecturar se o eram voluntariamente ou forçadas, porque as criadas raramente denunciavam o abuso por parte dos patrões, pois temiam a perda do emprego e o regresso ao campo, uma vez que seriam despedidas sem recomendação e até, eventualmente, caluniadas.

No entanto, Luciana leva consigo uma velha criada da casa dos seus pais – Filomena –, que se torna confidente da sua senhora e a ajuda mesmo nas questões mais íntimas, como, por exemplo, a evitar uma gravidez indesejada: “A criada que trouxera de casa do pai, abria-se em receitas para antes e depois, chás que provocavam o fluxo menstrual e infusões para lavagens, Luciana aplicava-as todas...”. (MARQUES, 2009, p. 167). Ao longo da narrativa, não só Filomena como também outras velhas criadas prestam apoio aos familiares das casas onde trabalham e a sua influência e sabedoria são valorizadas por estes, pelo que acabam por integrar o círculo familiar, o que, num determinado momento, leva Raquel a pensar: “Que faríamos nós sem elas, sem Felismina, Ludovina, Rosa, Madalena, que faríamos nós sem elas?” (MARQUES, 2009, p. 48)

Sintetizando a análise feita, podemos concluir que, nas relações entre as velhas criadas e as patroas, apresentadas n’*O último cais*, o leitor observa o respeito e a estima entre ambas as partes. As velhas criadas não são protagonistas da história: o enredo desenvolve-se em torno das suas empregadoras; formam, contudo, uma rede de apoio, um segundo círculo. Participam em todos os acontecimentos importantes da vida da família, desde o nascimento até à morte e, graças à sua permanência no trabalho, em contraste com o alto rotativismo que se tornava cada vez mais comum na época, vai nascendo e vai-se consolidando uma convivência entre os que vivem sob o mesmo teto.

Um outro fator extremamente importante na criação de laços estreitos com a família é o tratamento de dignidade e respeito por parte das suas patroas. Tal dever-se-á possivelmente ao facto de as senhoras da alta burguesia no romance serem mulheres avançadas, cujas opiniões refletem ideais humanistas, neste espírito tratando também os seus subalternos. O papel das velhas criadas na obra é, por um lado, mostrar os segredos da vida privada da alta burguesia, criando um contraste com o quotidiano sofisticado desse estrato social, e, por outro lado, a facilitação da realização de atos progressistas das mulheres na sociedade insular da época – como, por exemplo, o já mencionado estudo de Medicina. Assim, as velhas criadas “ocupam nas famílias o papel que os coros representavam nas tragédias gregas: não fazem parte da história mas, sem elas, a história não teria eco, nem fundo, nem força”. (MARQUES, 2009, p. 62).

**RECEBIDO:** 26/11/2020 **APROVADO:** 15/06/2021

#### REFERÊNCIAS

- BRITES, Jurema; PICANÇO, Felícia. O emprego doméstico no Brasil em números, tensões e contradições: alguns achados de pesquisas, *Revista Latinoamericana de Estudos do Trabalho*, v.19, n. 31, p. 131–158, janeiro 2014.
- CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *Arte de viver na sociedade*. Lisboa: Colares Editora, 2007.

COUTINHO, Maria Chalfin – MADERS, Tielly Rosado – WESTRUPP, Mônica Back, D'AVILA, Geruza Tavares. História de uma trabalhadora doméstica, *Athenea Digital*, v. 18, n. 2, p. e1940 1–27, julho 2018.

HILL, Bridget. Algumas Considerações sobre as Empregadas Domésticas na Inglaterra do século XVIII e no Terceiro Mundo de Hoje, *Varia Historia*, Belo Horizonte, n. 14, p. 22–33, setembro 1995.

LOJA, Roberto. Helena Marques. A escrita mais livre, *Diário de Notícias da Madeira*, *Revista Diário*, Funchal, p. 10–13, 25 maio de 2002.

MARQUES, Helena. *O último cais*. Alfragide: Leya, 2009.

\_\_\_\_\_. *Os íbis vermelhos da Guiana*. Lisboa: Dom Quixote, 2002.

MEERSSCHAERT, Lieve. Alguns contributos para o estudo da identidade das empregadas domésticas em Portugal, *Análise Social*, Lisboa, v. 22, n. 93/93, p. 633–642, 1986.

OLIVEIRA, Isabel Tiago de. A ilha da Madeira transição demográfica e emigração, *População e Sociedade*, Porto: CEPESE, n. 5, p. 25–59, 1999.

RECTOR, Monica. Ecofeminismo em Helena Marques, *Signótica*, Goiás, v. 21, n. 1, p. 169–186, jan./jun. 2009.

\_\_\_\_\_. *Mulher. Objeto e Sujeito da Literatura Portuguesa*. Porto: Fundação Fernando Pessoa, Edições Universidade Fernando Pessoa, 1999.

SARTI, Raffaella. Who are Servants? Defining Domestic Service in Western Europe (16<sup>th</sup>–21<sup>st</sup> centuries), In: Pasleau S.; Schopp, I.; Sarti, R. (eds.). *Proceedings of the “Servant Project”*, v.2. Liege, 2005, p. 3-59.

SILVA, António Ribeiro Marques da. *Apontamentos sobre o quotidiano madeirense (1750 – 1900)*. Lisboa: Editorial Caminho, 1994.

SILVA, Pedro Fernando Augusto da; MENESES, Carlos Azevedo de. *Elucidário madeirense*. 3 vols. Funchal: Edição DRAC, 1921.

VAQUINHAS, Irene. A família, essa «pátria em miniatura». In: *História da vida privada em Portugal – A época contemporânea*. Lisboa: Círculo de leitores e temas e debates, 2011a, p. 118-151.

\_\_\_\_\_. Paixões funestas e prazeres proibidos. In: *História da vida privada em Portugal – A época contemporânea*. Lisboa: Círculo de leitores e temas e debates, 2011b, p. 322-350.

VIEIRA, Alberto. A História do turismo na Madeira. Alguns Dados para uma Breve Reflexão, *Turismo*, Puerto de la Cruz, v. 0, p. 95–118, 2008.

### **MINICURRÍCULO**

Silvia Slaničková é professora de Literatura Portuguesa na Universidade Comenius em Bratislava, Eslováquia; doutorada pela mesma universidade com a tese na área da Literatura Comparada intitulada *A literatura feminina depois da Revolução dos Cravos*. Dedicou-se ao estudo da literatura portuguesa moderna e às traduções literárias.